

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999 / 2000



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1999 / 2000

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999/2000 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

PREFÁCIO - Jorge de Alarcão

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação da
Câmara Municipal de Oeiras

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do
Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas, 2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange Wanted

Tauscherverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Impresse 4

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 9-20

GEORGES ZBYSZEWSKI (1909-1999)

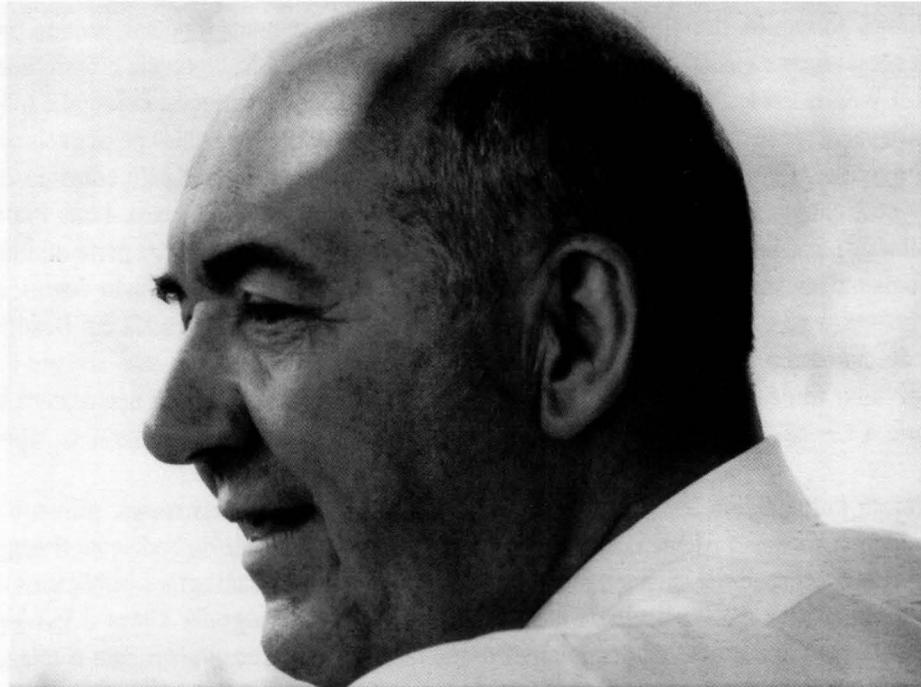


Foto de H. Reynolds de Souza, comunicada por M. Leitão

Georges Zbyszewski nasceu em Gatchina, cidade nas vizinhanças de São Petersburgo, a 22 de Outubro de 1909, vindo a falecer em Lisboa, em 1 de Março de 1999. A sua infância, passou-a na proximidade da requintada corte russa: era afilhado da grã-duquesa Olga, irmã do Czar Nicolau II que, com sua mãe, foram as únicas sobreviventes da família imperial. Seu pai, Coronel no regimento dos Couraceiros da Guarda Imperial havia falecido em combate em 1916, na frente alemã, perto de Vilnius, hoje capital da Lituânia, quando ele tinha 7 anos de idade. Apercebendo-se da inexorável realidade do desfecho da sangrenta guerra civil russa, sua mãe decidiu-se, em 1919, a abandonar a pátria, levando consigo os seus dois filhos, Vladimir de 17 anos e Georges, então com 10 anos.

O destino desta família foi a França, terra de acolhimento para muitos refugiados e onde viviam

alguns parentes. Georges Zbyszewski completou o ensino liceal em França como “filho da nação” dadas as dificuldades económicas que sua mãe enfrentava, distinguindo-se desde logo nos estudos. Mais tarde, prosseguiu os seus estudos na Universidade de Paris - Sorbonne, onde frequentou simultaneamente os cursos de Agronomia e de Geologia, tendo optado por concluir a licenciatura em Geologia, o que fez com 19 valores. O seu mestre, Prof. Jacques Bourcart convidou-o para assistente na cadeira de Geologia Dinâmica. Em 1935, questionado por este Professor sobre a área onde mais gostaria de desenvolver trabalhos de campo tendo em vista a preparação do Doutoramento em Geologia do Quaternário, sendo-lhe colocada a hipótese de escolha entre o litoral atlântico marroquino e o litoral português, decidiu, peremptoriamente, optar pela segunda hipótese, atraído pelas descobertas geográficas e científicas feitas pelos navegadores portugueses, como ele próprio declarou (ZBYSZEWSKI, 1984): "Gostaria muito de estudar o Quaternário português. Portugal é o País dos grandes navegadores e das grandes descobertas marítimas dos séculos passados pelas quais sempre mostrei interesse. Depois de uma rápida aprendizagem da língua, facilitada pelo convívio com Portugueses que, entretanto, conhecera em Paris (Carlos Teixeira, Orlando Ribeiro, Leite Pinto e Vitorino Nemésio), partiu para Portugal, em Agosto de 1935. Nesse ano, percorreu parte do litoral algarvio e baixo-alentejano em companhia de A. de Medeiros-Gouvêa, prosseguindo depois, em direcção a Lisboa, a pé e de bicicleta os reconhecimentos de campo, fazendo escala em Beja. Em 1936, teve de cumprir o serviço militar em França, na região de Champagne, mas sempre com saudades do vinho verde que provara em Portugal (Bourcart, outro apreciador do néctar minhoto, confidenciaria a Carlos Teixeira que este deveria substituir, nas cerimónias oficiais o ... "champagne").

De novo em Portugal, em 1937 e 1938, realizou duas campanhas de seis meses, primeiro no Algarve e no litoral do Baixo Alentejo, regiões já conhecidas, depois no vale do Sado e no Ribatejo. Datam dessa época os primeiros artigos sobre os terrenos quaternários dessas regiões, publicados nos C-R. da Academia das Ciências de Paris e também na revista de Geografia Física e Geologia Dinâmica, publicada em Paris. O evidente impulso que tais trabalhos constituíam para o relançamento dos estudos geológicos no nosso País não passou despercebido a um homem de visão, o Eng. António Vianna, então director dos Serviços Geológicos de Portugal, convidando-o a ingressar na referida Instituição, o que é concretizado em Janeiro de 1940. A partir dessa data, é o próprio que declara: "Começou uma vida nova, com mais responsabilidades. Já não era suficiente cantar óperas no campo. Tornou-se necessário compor óperas novas" (ZBYSZEWSKI, 1984). A área de estudo estendeu-se, de imediato, ao vale inferior do Tejo onde, mercê dos trabalhos pioneiros de Carlos Ribeiro, eram de há muito conhecidos importantes e vastos depósitos quaternários, sobretudo ao longo da sua margem esquerda. No preâmbulo do belo trabalho que publicou sobre os terraços de Alpiarça, ainda hoje modelo para este tipo de estudos de geologia regional, escreveu (ZBYSZEWSKI, 1946): "Quando, em 1940, começámos o estudo dos terraços do Tejo, experimentávamos o sentimento do explorador que entra pela primeira vez num terreno virgem, que não fora ainda percorri-

do por nenhum outro homem". E o sentimento do dever cumprido, associado ao orgulho intelectual que tinha em proclamá-lo espelha-se, no mesmo trabalho, pelas seguintes palavras: "No momento actual, o impulso está dado. O trabalho de equipa que sempre preconizámos organiza-se graças à colaboração de geógrafos, geólogos, paleobotânicos e pré-historiadores. Assim, pensamos que, num futuro próximo, Portugal poderá alinhar-se, também, ao lado dos Países que mais contribuíram para o estudo e o conhecimento dos tempos quaternários. Era já a via da estreita colaboração pluridisciplinar que, ulteriormente, se veio a generalizar nos estudos do Quaternário, para a qual Georges Zbyszewski teve o mérito de ser o primeiro a dela tomar plena consciência, vindo a adoptá-la em centenas de trabalhos de que foi co-autor, ser nunca querer valer-se da posição destacada, por si granjeada, no campo científico.

Naquele tempo, os Serviços Geológicos não possuíam transportes próprios. Assim, utilizavam-se camionetes de carreira, que obrigavam a grandes percursos a pé, chegando-se a atingir os 45 km diários. Uma das provas de selecção para os candidatos a colectores, dirigida por G. Zbyszewski, por muitos anos o único geólogo dos Serviços Geológicos, consistia, com efeito, em duro périplo pedonal, visando aferir a resistência física (e psíquica ...) dos candidatos: data dessa altura a alcunha, não inocente, de "Satrape Sadique", posta pelos seus colegas Orlando Ribeiro, Carlos Teixeira e Mariano Feio, que com Zbyszewski falavam fluentemente em Francês – eles próprios com alcunhas semelhantes – por, naquela época, se dedicar ao estudo dos depósitos neogénicos do vale do Sado. Para se ter uma ideia das dificuldades de circulação então verificadas no País, basta dizer que as amostras de rochas recolhidas no decurso do reconhecimento geológico do litoral alentejano, de 1942, foram expedidas para Lisboa por ... barco, a partir do então importante porto de Vila Nova de Milfontes, porque então os caminhos terrestres, ou não existiam, ou ainda eram mais morosos que a via marítima.

Foi neste ambiente erizado de dificuldades, mas por isso mesmo exaltante para todos os apaixonados pelos trabalhos científicos, sobretudo quando realizados no campo, como era o caso de G. Zbyszewski, que chegou a Portugal, em meados de 1941, sob a justificação de fazer uma série curta de conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Coimbra e no Porto, o eminente pré-historiador francês Henri Breuil.

Não desejando regressar à França ocupada, organizou-se solução de compromisso, passando Breuil a leccionar a disciplina de Pré-História na referida Faculdade, ocupando o resto do tempo em investigações arqueológicas, de campo e de gabinete, em estreita colaboração com Zbyszewski. Dessa colaboração ininterrupta, de cerca de dezassete meses (até à partida de Breuil para a África do Sul, em Novembro de 1942), nos fala o notável trabalho publicado em dois volumes (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945), onde se lançaram os fundamentos para o estudo programado de todos os depósitos quaternários do território português, e onde a componente arqueológica se entrosa de forma harmoniosa e solidária com a geológica, constituindo edifício sólido que, infelizmente, não foi entretanto continuado com devia.

Já antes da chegada de Breuil a Portugal, Zbyszewski tinha descoberto as notáveis estações paleolíticas da região de Alpiarça, como o Vale do Forno ou a Barreira do Tojal: uma primeira visita a esses locais, proporcionou, a ambos, a recolha de mais de 80 bifaces ...o que entusiasmou Breuil e constituiu motivo acrescido para aqui permanecer por tanto tempo. A este, agradecer-lhe-ia, sobretudo, a alta qualidade do trabalho de Zbyszewski e a total entrega às suas tarefas, mesmo quando estas extravasavam largamente as suas obrigações estritas, diariamente reafirmada até à exaustão. Alojados na pensão Astória, na Rua Braamcamp, as suas conversas à noite, após o jantar, pela Av. da Liberdade abaixo, até à Pastelaria Suiça no Rossio, então convertida em “Sala de Visitas” de quem demandava Lisboa, não eram insensíveis ao momento que se vivia, com a França, pátria de ambos, ocupada pelas tropas alemãs. Nessas deambulações por uma Lisboa às escuras, mas poupada pela guerra, discorriam longamente sobre o sentido da própria Liberdade, o papel dos cientistas e da Ciência nas sociedades modernas, o aparecimento do Homem e o futuro do mundo civilizado (ZBYSZEWSKI, 1966).

Henri Breuil e G. Zbyszewski partilhavam uma religiosidade que os fazia ver a ciência por um mesmo prisma. G. Zbyszewski, ortodoxo de formação, convertera-se ao catolicismo com a sua vinda para Portugal.

Questionado sobre esta opção respondera “ Como em Portugal não era fácil encontrar uma igreja ortodoxa, optei por frequentar a igreja católica. Somos todos filhos do mesmo Deus”.

Outra faceta desconhecida de G. Zbyszewski, dada a sua modéstia, e que constitui a sua única incursão no mundo da política, foi a criação durante a guerra, em conjunto com dois outros franceses residentes em Portugal, o industrial Maxime Vaultier, seu grande amigo e também um aficionado da pré-história e o Sr. Gorlier, mais tarde cônsul da França em Portugal, do núcleo de franceses livres em Lisboa. Esta adesão, valeu a G. Zbyszewski a perda da nacionalidade francesa, retirada pelo Governo de Vichy e mais tarde devolvida após a vitória dos aliados.

Zbyszewski soube retribuir à França, quando esta necessitou, a hospitalidade que aquela lhe oferecera na infância.

Após o fim da guerra, Zbyszewski continuou o seu labor científico, alheio aos riscos que corria, enquanto outros eram condecorados.

Optimista por natureza e duma bondade por todos reconhecida, Zbyszewski foi sempre leal, objectivo e consistente na defesa das suas ideias científicas e nas discussões acaloradas em que participou, por vezes na companhia de Breuil, mas jamais deixou transparecer qualquer animosidade para com aqueles com quem privou. Com os eminentes cientistas já referidos, por montes e vales, de Norte a Sul do País, cimentou uma bela amizade de décadas que os ligou a todos e que se evidenciava nas parcerias científicas que desenvolveu e publicou.

Era um tempo glorioso, de trabalho duro, mas que se fazia “andando e cantando” (ZBYSZEWSKI, 1984).

Após a partida de Breuil de Portugal, não mais o Doutor Zbyszewski deixou de se interessar pelo

estudo das indústrias paleolíticas, em estreita articulação com os estudos de Geologia do Quaternário que empreendeu, muitas vezes no âmbito dos levantamentos da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000, de que estava incumbido. No respeitante a publicações relativas ao Paleolítico Inferior e ao Paleolítico Médio, foi, de longe, até ao presente, o seu mais operoso investigador, cercado-se para tal de um grupo de colaboradores onde se destacou o seu companheiro de trabalho, ao longo de quatro décadas, o Doutor O. da Veiga Ferreira. Assim se deu corpo efectivo à por outros designada "Escola" dos Serviços Geológicos que prosseguiu, nas décadas seguintes, o renascimento da actividade arqueológica naquela mais que centenária instituição. Nos trabalhos de síntese sobre o Quaternário português, publicados sucessivamente (ZBYSZEWSKI, 1943, 1957), ainda hoje referências incontornáveis, especialmente o último, para qualquer estudo de âmbito mais localizado que se pretenda elaborar, transparece essa abordagem, estribada simultaneamente na Geologia e na Arqueologia, mais desenvolvida, por vezes, na vertente geológica – caso da notícia explicativa da Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/1 000 000, publicada em 1971 – ou privilegiando, noutros casos, a componente arqueológica – de que são exemplo as sucessivas sínteses publicadas sobre o Paleolítico português.

Outros domínios da Pré-História não o deixaram indiferente, dando mesmo origem a grande número de publicações, em co-autoria com uma equipa constituída no início da década de 1970, animada por O. da Veiga Ferreira e da qual faziam também parte Manuel Leitão, Thomas North, J. Norton, H. Reynolds de Souza, C. Penalva e outros. Assim se publicaram numerosas estações paleolíticas do vale do Tejo e seus afluentes da margem direita; do vale do Caia e do Guadiana; e do litoral baixo alentejano; e se exploraram notáveis monumentos megalíticos, como os dólmenes das Pedras Altas (Sintra) e de Pedra Branca (Melides) e a *tholos* de Tituaria (Mafra), para além de síntese sobre menires e cromleques existentes em território português, datada de 1977. No domínio da exploração de grutas sepulcrais pré-históricas, são de salientar os trabalhos executados na gruta do Correio Mor (Loures) e na gruta de Verdelha dos Ruivos, cujos resultados ainda não se encontram totalmente publicados.

Em 1955 casou-se com uma portuguesa e no ano seguinte era pai de dois gémeos, o que constituiu a sua definitiva adesão e fixação no país que o havia acolhido.

Em 1957, por ocasião da erupção do vulcão dos Capelinhos, estimulado pela ocasião única de presenciar o nascimento de uma nova ilha, avançou temerariamente acompanhado de O. da Veiga Ferreira, e, sendo surpreendidos por uma projecção de cinzas, vendo-se impossibilitados de regressar, encetaram uma arriscada descida por uma falésia sobre o mar, escapando de uma morte certa. Entretanto, haviam sido dados como desaparecidos, tendo-se presumido a sua morte. A notícia chegou rapidamente a Lisboa, e dava conta de ter desaparecido toda a missão geológica. Algumas horas depois G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira apareciam exaustos, para grande espanto de todos...

A realização do seu Doutoramento de Estado, razão que havia estado na origem de presença de

Zbyszewski em Portugal não foi esquecida, apesar de se encontrar assoberbado de tarefas oficiais, situação agravada pela já referida realidade de ser o único geólogo da Instituição a que, por força das atribuições legais, se encontrava confiada a realização de vasta gama de estudos geológicos.

Em 1958, apresentou à Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, a sua dissertação dedicada ao estudo do vale tifónico das Caldas da Rainha, região que, então, era objecto de levantamentos geológicos por si dirigidos, tendo obtido a classificação de dezanove valores. Entretanto, e por força das circunstâncias aludidas, ocupou-se, para além da Arqueologia Pré-Histórica e da Geologia do Quaternário, de estudos que abarcaram grande multiplicidade temática, ascendendo, no total a quase quatrocentos títulos científicos, inventariados pelo seu Amigo de sempre, Carlos Teixeira, até 1979 (TEIXEIRA, 1979). Merece destaque, sobretudo, a sua acção no reconhecimento geológico do País: às sucessivas brigadas por si chefiadas se deve a cartografia geológica, na escala de 1/50 000, de quase toda a faixa estremenha, da Arrábida ao Mondego, de boa parte do Ribatejo e dos terrenos terciários do Alto e do Baixo Alentejo, bem como do Algarve. Durante quase vinte anos chefiou as sucessivas missões geológicas aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, de que resultou a cartografia geológica da quase totalidade das ilhas e a vivência de episódios pitorescos ou inesquecíveis, que contava com prazer.

O prestígio que advinha para a França, do labor em Portugal de este seu súbdito, não foi ignorado: em 1959 recebeu a Ordem das Palmas Académicas, vindo a ser-lhe conferido, dez anos mais tarde, a Ordem Nacional do Mérito. Infelizmente, o Estado Português não se mostrou sensível, como devia, a atribuir-lhe distinção semelhante, apesar do empenho do signatário, que para o efeito reuniu os elementos necessários, por si entregues em 1998 na Presidência da República, sem qualquer efeito, tanto antes como depois do seu falecimento... talvez tivesse sido melhor assim.

Após a obrigação de, por limite de idade, verificado ao perfazer 70 anos, em Outubro de 1979, abrandar os trabalhos de campo – continuando muito embora como colaborador oficial dos Serviços Geológicos de Portugal – o Doutor G. Zbyszewski dedicou-se, ainda com maior empenho, aos estudos de materiais arqueológicos conservados em colecções diversas. Em tais estudos, na quase totalidade dos quais colaborei, salientam-se aspectos que consolidaram as técnicas analíticas aprendidas com Breuil, embora se introduzissem melhorias ao nível da abordagem metodológica, incluindo a discussão da validade de conceitos de há muito arreigados, sendo por vezes aplicados pelo próprio Zbyszewski de forma algo indiscriminada e rotineira. Algumas dessas preocupações, que devem ser entendidas no sentido de aperfeiçoar aspectos que, do ponto de vista teórico, são ainda hoje válidos, encontram-se evidenciadas no estudo publicado sobre as indústrias paleolíticas de Samouco (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978a) e, mais modernamente, no trabalho de revisão das indústrias paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa (CARDOSO, ZBYSZEWSKI & ANDRÉ, 1992), o mais extenso trabalho de temática paleolítica, publicado depois do clássico contributo de Breuil e Zbyszewski, de 1942 e 1945. Este trabalho, decorreu em grande parte em instalações do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, então no edifício dos

Serviços Técnicos, em Paço de Arcos. Já octogenário, ali ocorria pontualmente, às sextas feiras, o Doutor Zbyszewski, que deste modo recolhia elementos que, depois, ao longo da semana seguinte, trabalhava e meticulosamente organizava, antes de revisão final, feita em conjunto. Estas tarefas decorreram durante cerca de três anos sempre com a mesma cadência, como um corredor de fundo em plena corrida.

A extraordinária dedicação à Ciência e à Arqueologia, uma vez mais confirmada pela inestimável contribuição científica que o concelho de Oeiras lhe ficou devedor, corporizada, como habitualmente, não apenas em ideias ou projectos, mas em obra publicada, a única actividade intelectual consequente e perene, justificou a Câmara Municipal de Oeiras outorgar-lhe, por unanimidade, a sua mais alta distinção, em 7 de Junho de 1995: a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro, razão imediata desta evocação e homenagem.

O MEU TESTEMUNHO

Conheci o Doutor Georges Zbyszewski em Novembro de 1972, era eu então aluno do Curso Livre de Iniciação à Arqueologia, leccionado no Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, que funcionava no Palácio da Rosa, em Lisboa. O Mestre regia o primeiro módulo do referido curso, relativo ao Paleolítico e ao Mesolítico, onde muitos jovens apaixonados pela Arqueologia aprenderam os rudimentos daquela que viria a ser, mais tarde, a sua actividade de todos os dias. Logo me fascinou a maneira pausada, benévola e precisa como expunha, complementada por visitas ao campo onde o seu entusiasmo, antes contido, se revelava em pleno. Desde logo procurei o seu convívio, aos sábados de manhã e, sobretudo, às segundas-feiras, no seu gabinete dos Serviços Geológicos, faltando, deste modo, às aulas, no velho Liceu Normal de Pedro Nunes, aonde regressava, reconfortado pela atenção concedida – que os meus quinze ou dezasseis anos julgavam impossível – por parte de um respeitável cientista então já com mais de sessenta, enriquecido pela oferta das últimas separatas dos trabalhos por si publicados. Naquela grande e bela casa, os Doutores Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira completavam-se, afirmando-se ambos como verdadeiros Mestres, procurando, desinteressadamente, mas de forma atenta e amigável, ajudar todos aqueles – e muitos foram – que deles se abeiravam, sem olhar às qualificações académicas, idade ou classe social, constituindo para muitos dos que tiveram esse privilégio, verdadeiros momentos de encantamento: eram os momentos em que nos recebiam nos seus desarrumados gabinetes, com o Tejo por pano de fundo.

Mais tarde, fui seu aluno na Faculdade de Ciências de Lisboa, nas disciplinas de Estratigrafia e Geohistória (1977/78) e de Cartografia Geológica e Fotogeologia Complementar (1978/79); entretanto, o nosso convívio tinha-se sedimentado, corporizando-se já pela existência de diversos trabalhos publicados em comum: no final de 1975, o Doutor Zbyszewski, talvez achando-me já capaz de colaborar com ele em um trabalho científico, disse-me: "há uma peças paleolíticas nas vitrinas do

nosso Museu, em tempos recolhidas por Carlos Ribeiro na região de Mafra, que ainda não foram estudadas; se quiser, podemos fazer um estudo em comum". Facilmente se imagina o entusiasmo com que meti mãos à obra, de que resultou artigo publicado em 1978 (ZBYSZEWSKI & CARDOSO, 1978b). Neste mesmo ano, surgiu outra oportunidade: o estudo dos materiais paleolíticos recolhidos por A. Gonzalez no perímetro da Base Aérea n.º 6 (Montijo), então depositados nas antigas instalações do Centro Cultural Roque Gameiro, na Amadora. Durante vários meses, ali comparecemos, todos os sábados à tarde, depois de uma viagem de comboio, com retorno a Lisboa, muitas vezes já noite dentro. Estes longos momentos de convívio, repetidos ao longo dos anos em múltiplos lugares, incluindo sua casa, permitiram-me conhecer, ainda que fugazmente, as convicções mais profundas e o íntimo da personalidade do Doutor Zbyszewski, para além da sua habitual polidez e boa disposição: personalidade inesperadamente rica, que discreto véu dissuadia a quem nela pretendesse entrar sem convite.

Inspirando-me em sugestiva imagem traçada por Jean Roche do seu Mestre H. Breuil (ROCHE, 1966), a vida de Georges Zbyszewski pode assemelhar-se às sucessivas descobertas dos esplendores de quem percorra um parque magnífico: um jardim à francesa, com a sua ordenação fria e racional, os canteiros floridos dispostos segundo uma harmonia cuidadosamente estudada; um jardim inglês, de curvas imprevistas, onde a liberdade se conjuga com a fantasia, onde cada desvio revela uma surpresa; e, no mais recôndito centro do parque, um pequeno bosque fechado, impenetrável, no meio do qual o olhar distingue algumas belas flores, fugidamente iluminadas pelo Sol. O primeiro, é a obra científica do Doutor Zbyszewski, com grandes orientações que guiaram toda a sua vida, corporizada pela sua característica letra, miúda e meticulosamente alinhada. O segundo, é a sua própria personalidade, cheia de humor e fantasia, que o acompanhou até ao seu último alento: a face mais evidente desta realidade, expressava-se pelas numerosas anedotas, que gostosamente contava a todos, na sua maioria ingénuas, cuidadosamente guardadas em pequenas folhas de papel. Enfim, o pequeno bosque no centro é o jardim secreto da sua alma, só entrevisto por poucos, em situações particulares e apenas por breves instantes, que a mais não permitia o seu pudor e temperamento. Definitivamente proibidos de nele entrar, perdidas as delícias dos recantos frescos do jardim inglês, é com o jardim à francesa que temos, infelizmente, doravante de nos contentar, procurando estudar em pormenor e com aproveitamento as flores perenes que o integram, correspondentes à sua obra científica. Nesta perspectiva, o Dr. Zby sobrevive, não apenas no enorme legado, mas ainda naqueles que, diariamente, procuram estar à altura do seu exemplo ético e moral!

João Luís Cardoso

BIBLIOGRAFIA

Referem-se as obras dedicadas à vida e obra de Georges Zbyszewski, além daquelas citadas no texto.

- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942, 1945) - Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 (1942) - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23, 374 p. 2 (1945) - Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26, 662 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) - Reconhecidos a Georges Zbyszewski. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski* (Vila do Bispo, 1991) *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12: 9-16.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M. C. (1992) - O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, 645 p.
- CARVALHO, G. Soares de & CARDOSO, J. L. (1999) - O quaternarista Georges Zbyszewski. *Estudos do Quaternário*. Braga. 2: 3-6.
- RAPOSO, L. (1993) - Ser pioneiro no Portugal dos anos 40. *Diário de Notícias*, 12 de Agosto, Suplemento Cultura.
- RIBEIRO, O. (1984) - Les recherches de Georges Zbyszewski sur l'apparition de l'Homme, à la lumière de la philosophie naturelle. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 55-72.
- ROCHE, J. (1966) - Souvenir de l'Abbé Breuil. In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série III, 10 (2): 287-302 (separata).
- TEIXEIRA, C. (1979) - Georges Zbyszewski. O Homem e o Cientista. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 3-27.
- TEIXEIRA, C. (1984) - Palavras do Professor Carlos Teixeira. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 45-48.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) - La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire du Portugal en 1942. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 2 (2/3): 3-111.
- ZBYSZEWSKI, G. (1946) - Étude géologique de la région d'Alpiarça. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27: 145-267.
- ZBYSZEWSKI, G. (1957) - Le Quaternaire du Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 13 (1/2), 277 p.
- ZBYSZEWSKI, G. (1961) - L'Abbé H. Breuil et sa contribution à l'étude de la Préhistoire portugaise. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46: 41-51.
- ZBYSZEWSKI, G. (1966) - Adieu l'Abbé Breuil! In *Memoriam do Abade Henri Breuil*. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série III, 10 (2): 361-373 (separata).
- ZBYSZEWSKI, G. (1984) - Palavras do homenageado. *Vol. d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations: 48-54.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1978a) - As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do Baixo Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63: 547-609.
- ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO, J. L. (1978b) - Achados antigos de Paleolítico na região de Maфра. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63: 611-629.

BIBLIOGRAFIA DO DOUTOR GEORGES ZBYSZEWSKI ULTERIOR A 1979 (para anos anteriores, ver TEIXEIRA, 1979)

Autor ou co-autor das seguintes cartas geológicas e respectivas notícias explicativas, nas escalas de 1/25 000 e 1/50 000, editadas pelos Serviços Geológicos de Portugal:

- 1979 - Ilhas Selvagens.
- 1979 - Folha 51-C - Vila do Bispo.
- 1980 - Folha 36-A - Pavia.
- 1980 - Folha 41-C - Mourão.
- 1980 - Ilha Terceira.
- 1981 - Folha 19-C - Figueira da Foz.
- 1981 - Folha 34-C - Cascais.
- 1981 - Folha 28-C - Gavião.
- 1981 - Folha 52-B - Albufeira.
- 1981 - Folha 36-A - Pavia.
- 1981 - Folha 34-B - Loures.
- 1982 - Folha 44-B - Barrancos.
- 1982 - Folha 32-A - Ponte de Sor.
- 1983 - Folha 52-A - Portimão.
- 1984 - Folha 31-D - Montargil.
- 1985 - Folha 42-C - Santiago do Cacém.
- 1985 - Folha 53-A - Faro.
- 1987 - Folha 42-D - Aljustrel.

Artigos científicos:

- G. ZBYSZEWSKI (1977) - Nova contribuição para o conhecimento da jazida quaternária de Mealhada. *Memórias e Notícias - Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 84: 1-37.
- M. T. ALBERDI; M. T. ANTUNES; P. Y. SONDAAR & G. ZBYSZEWSKI (1978) - Les Hipparions du Portugal. *Ciências da Terra*. Lisboa. 4: 129-156.
- G. ZBYSZEWSKI (1979) - Ocorrência de turfas em Portugal. *Boletim de Minas*. Lisboa. 16 (34): 151-159.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1979) - A estação paleolítica do Medo Tojeiro (Baixo Alentejo). Contribuição para o estudo do "Languedocense" costeiro. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 231-237.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1979) - Contribuição para o conhecimento do Paleolítico das Caldas da Rainha. *Ethnos*. Lisboa. 8: 7-30.

- G. ZBYSZEWSKI, O. da VEIGA FERREIRA & C. PENALVA (1979) - A "Pebble Culture" do litoral, entre Laredo das Corchas e a Ponta Ruiva (Algarve). Nota preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 17-26.
- G. ZBYSZEWSKI, C. PENALVA & J. L. CARDOSO (1979) - Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da foz do Tejo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 65: 239-251.
- T. M. AZEVEDO; J. L. CARDOSO; C. PENALVA & G. ZBYSZEWSKI (1979) - Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com "Pebble Culture" da Formação de Belverde - Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 31-45.
- A. RIBEIRO; M. T. ANTUNES; M. P. FERREIRA; R. B. ROCHA; A. F. SOARES; G. ZBYSZEWSKI; F. Moitinho de ALMEIDA; D. de CARVALHO & J. H. MONTEIRO (1979) - *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal. 114 p.
- G. Zbyszewski; M. Leitão; C. Penalva & O. da Veiga Ferreira (1980/1981) - Paleo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5: 17-29.
- G. ZBYSZEWSKI, C. T. NORTH, M. LEITÃO, J. NORTON & O. da Veiga FERREIRA (1981) - Nouvelles donnés sur le Néolithique Ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 67: 301-311.
- G. ZBYSZEWSKI, O. da Veiga FERREIRA, M. LEITÃO, C. T. NORTH & J. NORTON (1981) - As jóias auríferas da gruta pré-histórica de Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 32/33: 113-119.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & O. da Veiga FERREIRA (1980/1981) - Découverte d'un instrument préparé sur bois de *Cervus elaphus* au Cabeço da Amoreira (Muge). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7: 39-44.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & O. da Veiga FERREIRA (1981) - Nota prévia sobre a "Pebble Culture" da praia calabriana do Mirouço (Algarve). *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 22: 11-18.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA; O. da Veiga FERREIRA; M. LEITÃO & C. T. NORTH (1981/1982) - À "Pebble Culture" do nível calabriano da Seixosa (Portugal). Aspectos tipológicos e geológicos. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*. Lisboa. 24: 127-161.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1982) - Contribuição para o conhecimento do Paleolítico de Monte Real. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 68 (2): 299-305.
- G. ZBYSZEWSKI (1984) - Le Paléolithique de Timor et la contribution de l'Abbé H. Breuil à son étude. *Garcia de Orta - Série Antropobiologia*. Lisboa. 3 (1/2): 183-228.
- G. ZBYSZEWSKI; C. PENALVA & J. L. CARDOSO (1984) - Comentário ao artigo de L. Raposo e A. C. Silva - O Langedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 2: 120-131.
- M. LEITÃO; C. T. NORTH; J. NORTON; O. da Veiga FERREIRA & G. Zbyszewski (1984) - The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In *L'Âge du Cuivre européen - civilisations à vases campaniformes* (ed. J. Guilaine). Toulouse, CNRS: 221-239.
- F. MACARTNEY; G. ZBYSZEWSKI; O. da Veiga FERREIRA & C. PENALVA (1984) - As indústrias paleolíticas da Tapada do Falcão (Caia da Urra - Portalegre). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 70 (1): 111-122.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1984/1985) - Uma estatueta madalenense "tipo Laugerie Basse" encontrada em Portugal. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*. Lisboa. 26: 207-211.

- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1985) - O Paleolítico do antigo campo de aviação da Amadora. *Arqueologia*. Porto. 12 (volume de Homenagem a Jean Roche): 56-70.
- G. ZBYSZEWSKI; M. C. S. NETO & M. E. de CASTRO-E-ALMEIDA (1985/1986) - Note préliminaire sur le gisement de Laga (Timor-Dili). *Garcia de Orta* - Série Antropobiologia. Lisboa. 4 (1/2): 15-27.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1986) - O Paleolítico do Casal do Conde, Quinta da Cardiga. *Arqueologia*. Porto. 13 (volume de homenagem a Jean Roche): 5-13.
- G. ZBYSZEWSKI; D. BELO & O. da Veiga FERREIRA (1987) - O Paleolítico de Trás-do-Outeiro - Serrada (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5: 7-20.
- M. LEITÃO; C. T. NORTH; J. NORTON; O. da Veiga FERREIRA & G. ZBYSZEWSKI (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5: 37-65.
- G. ZBYSZEWSKI; O. da Veiga FERREIRA; M. LEITÃO & C. T. NORTH (1987) - O Paleolítico do gruta de Correio-Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8: 7-27.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1987) - O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. *In Da Pré-História à História* (volume de Homenagem a O. da Veiga Ferreira). Lisboa. Delta: 111-152.
- G. ZBYSZEWSKI & C. PENALVA (1988) - Considerações sobre a distribuição geográfica do triedro acheulense no Norte de África e na Península Ibérica. *Volume de Homenagem a Orlando Ribeiro*. Lisboa. Centro de Estudos Geográficos/INIC: 15-27.
- O. da Veiga FERREIRA & G. ZBYSZEWSKI (1988) - Descoberta de uma nova estação paleolítica na área de Salvaterra de Magos. *Estudos em homenagem a Mariano Feio*. Lisboa. 649-663.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1988) - O Paleolítico de Borel-Horta (Amadora). *Arqueologia*. Porto. 18 (volume de homenagem a E. da Cunha Serrão): 29-52.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1988) - Três estações paleolíticas da serra de Monsanto: Tapada da Ajuda, Moinho das Cruzes e Moinho da Carrasqueira. *Lisboa-Revista Municipal*. Lisboa. 26: 3-44.
- G. ZBYSZEWSKI & O. da Veiga FERREIRA (1990) - Les Vértébrés quaternaires portugais a la leur des études récentes. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 35: 155-162.
- G. ZBYSZEWSKI & J. L. CARDOSO (1992) - Le Paléolithique du gisement de Casal da Serra (Amadora). *Mediterrâneo*. Lisboa. 1: 221-230.
- J. L. CARDOSO, G. ZBYSZEWSKI & M. C. ANDRÉ (1992) - O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, 345 p.
- G. ZBYSZEWSKI, J. L. CARDOSO, M. LEITÃO & C. T. North (1995) - A jazida paleolítica do reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra) - Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 11-21.
- J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI (1995) - Três jazidas paleolíticas do Complexo Basáltico de Lisboa: Damaia, Venteira e Casal da Barroca (Amadora). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 23-37.
- J. L. CARDOSO & G. ZBYSZEWSKI (1995) - Jazida paleolítica de Varge Marinho (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 39-47.